

RELATÓRIO ECONÔMICO

agosto 2026

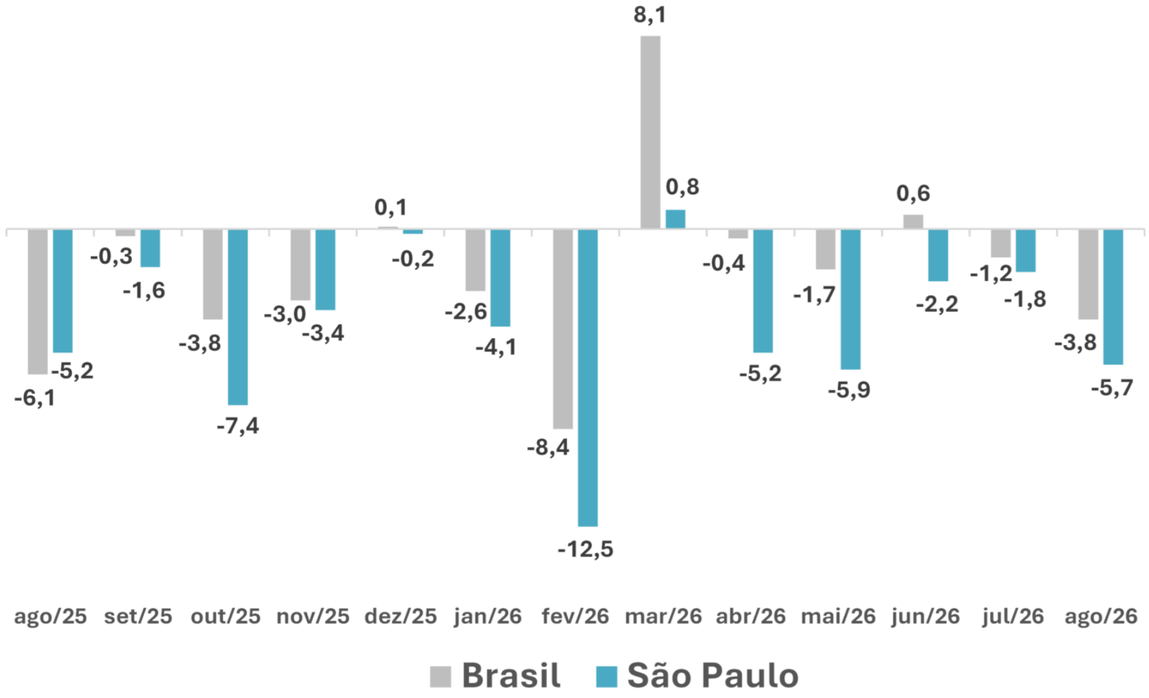
Sincomavi

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

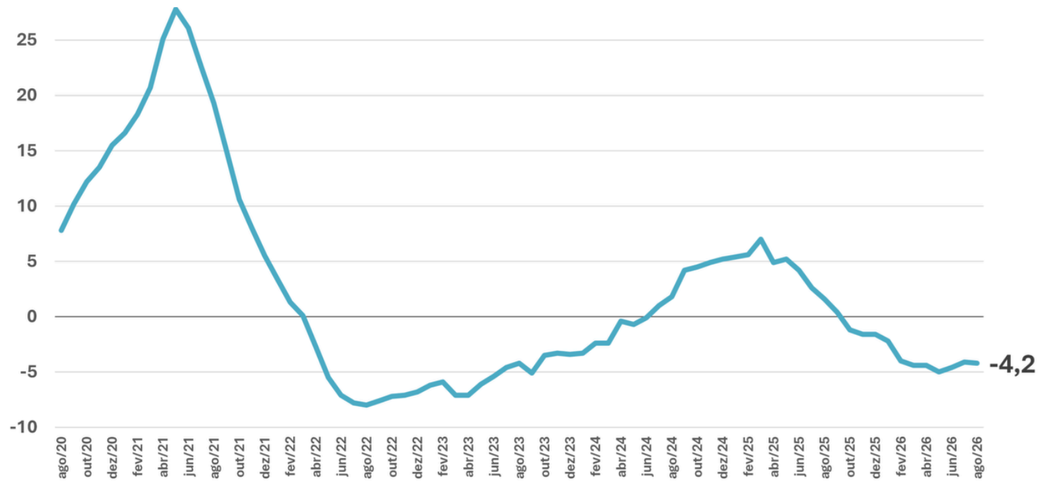
Em agosto, o volume de vendas de material de construção no Estado de São Paulo apresentou recuo de 5,7% em comparação ao mesmo mês do ano passado, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC-IBGE). Além de ser o quinto retrocesso seguido do indicador, esta foi a queda mais aguda desde maio, período no qual houve uma redução de 5,9% na contraposição anual. No país, em agosto, ocorreu decréscimo de 3,8% no volume de vendas do setor, o segundo recuo seguido.

De janeiro a agosto o comércio varejista de material de construção paulista contou com retrocesso de 4,6%, patamar agravado em relação a julho (-4,4%). Já no mercado brasileiro, o segmento revela uma retração menor de 1,2% nos oito primeiros meses de 2026, isso em contraposição ao mesmo período do ano passado. Em doze meses a queda no volume de vendas no Estado de São Paulo chega a 4,2% e no território nacional, a 1,4%.

Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de materiais de construção – Mês contra mesmo mês do ano anterior (%)



Evolução do índice em 12 meses do volume de vendas de materiais de construção no Estado de São Paulo (%)



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO IBGE

Jaime Vasconcellos comenta que os números de agosto aumentam a preocupação com a performance das vendas do comércio de material de construção, seja em território nacional ou no Estado de São Paulo. “O agravamento do indicador em relação a 2025 deixa claro o tamanho do desafio para a conversão de vendas, frente a um cenário de consumo retraído”, ressalta. Em sua opinião, novamente, vê-se o impacto de alto comprometimento de renda familiar e custo caro do crédito como impeditivos para avanço da demanda e consequente melhor realidade das vendas. “Para setembro, infelizmente, a tendência é mantermos trajetória negativa dos indicadores do setor”, finaliza.

OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.

Fonte: PMC/IBGE

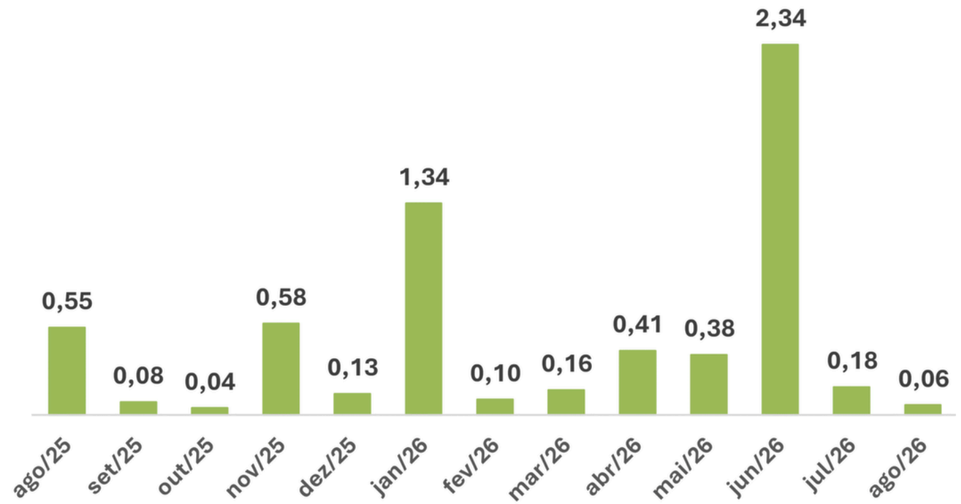


INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

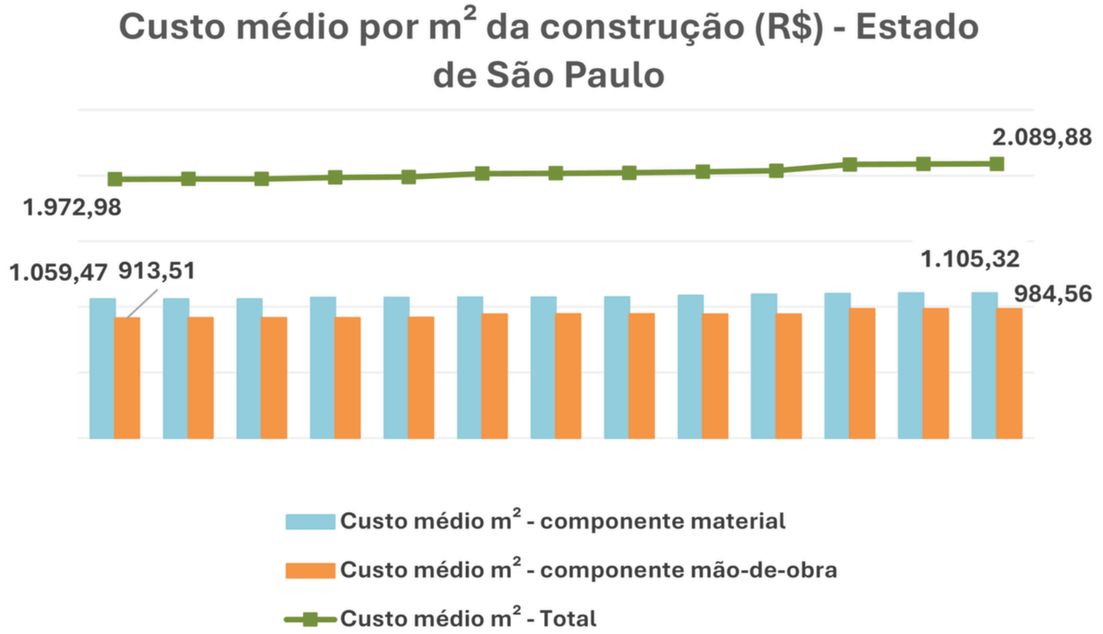
SINAPI/IBGE

O índice inflacionário da construção civil, obtido por meio do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi/IBGE), mostrou novamente um comportamento mais estável na economia paulista. O indicador variou em agosto positivamente apenas 0,06%, o seu menor nível mensal desde outubro de 2025. Com esta pequena oscilação, o desempenho no acumulado de 2026 pouco se alterou, chegando agora aos 5,05%. Já em 12 meses, atinge o patamar de 5,93%.

Evolução do custo médio mensal do m² da construção do estado de São Paulo (%)



O metro quadrado da construção civil no Estado de São Paulo alcançou os R$2.089,88. Deste valor, R$1.105,32 (ou 52,89%) são referentes aos gastos com material de construção e R$984,56 (ou 47,11%) com a mão de obra. Em agosto, esses dois componentes variaram, respectivamente, 0,13% e -0,01%. Já nos últimos doze meses, enquanto os materiais apresentam crescimento médio de 4,33%, a mão de obra variou 7,78%.



O economista Jaime Vasconcellos comenta que a oscilação média dos preços da construção civil paulista em agosto praticamente acompanhou a trajetória de outros índices de preços ao consumidor -comportamento que ele considera bastante suave. “Assim como em julho, novamente foi registrado uma leve deflação do gasto com a mão de obra e outra tímida evolução do dispêndio médio com os materiais de construção”, ressalta. Este cenário de preços mais estáveis não deixa de ter como influência os efeitos vindos da oferta e da demanda. “Pelo lado da oferta, nota-se que após forte pressão com os impactos do aumento de preços de commodities nos últimos meses, houve certa acomodação inflacionária aos consumidores finais. Além disso, ou principalmente, é possível perceber também uma menor força de demanda, resultado do desafiador cenário ao consumo das famílias e empresas, em meio as suas dificuldades orçamentárias e ao elevado custo do dinheiro no sistema bancário, com crédito caro e seletivo”, avalia.



INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O maior valor ainda se manteve no Acre, com R$2.309,23, e o menor valor no Sergipe (R$1.768,44). Já o Estado de São Paulo ficou em 7° lugar no ranking do metro quadrado médio mais caro do país.

Custos médios totais do metro quadrado da obra por estado

Posição e UF	Custo total médio do m² (R$)
1º Acre	2.309,23
2º Santa Catarina	2.249,47
3º Rondônia	2.190,83
4º Rio de Janeiro	2.174,65
5º Paraná	2.161,78
6º Roraima	2.137,37
7º São Paulo	2.089,88
8º Tocantins	2.072,43
9º Mato Grosso	2.068,00
10º Distrito Federal	2.051,00
11º Amapá	2.031,00
12º Goiás	2.009,13
13º Amazonas	2.000,18
14º Pará	1.991,46
15º Maranhão	1.969,07
16º Rio Grande do Sul	1.962,22

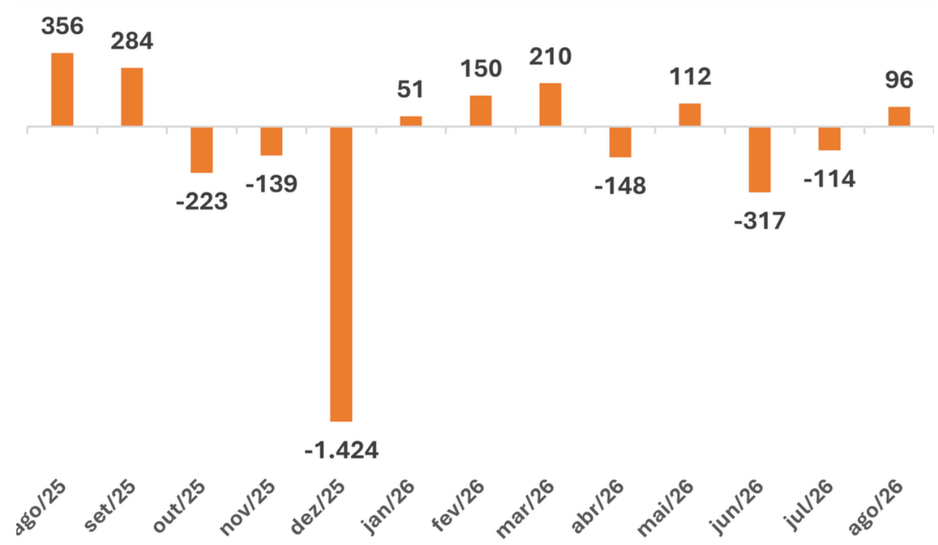


MERCADO DE TRABALHO

CAGED

O mercado de trabalho do comércio varejista de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) aumentou em 96 postos de trabalho no último mês de agosto, interrompendo série de dois meses seguidos de retração do indicador, segundo o Novo Caged. Mesmo com um saldo positivo, as 96 novas vagas caracterizam a criação mais fraca de empregos para o período da série histórica do Novo Caged, que se iniciou a partir de 2020. Como exemplo, em comparação a agosto de 2025, a atual geração de vínculos foi 73% inferior.

Saldos de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP



MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Com base num estoque de mais de 91 mil empregos com carteira assinada ativos no varejo de material da Grande São Paulo, o aumento recente pode até mesmo ser considerado uma estabilidade do indicador. Ainda assim, cabe destacar que em agosto os melhores resultados vieram dos varejos de material de construção em geral (+70 vagas) e do segmento de materiais elétricos (+57 vagas). Por outro lado, chamou atenção a perda de 86 postos de trabalho nos estabelecimentos comercializadores de vidros.

Movimentação e estoque de empregos celetistas – RMSP – agosto de 2026

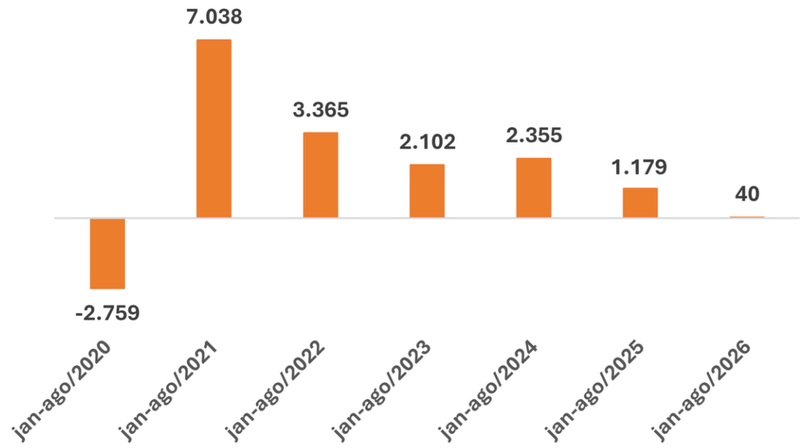
Segmentos do varejo	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	24	34	-10	915
Ferragens e Ferramentas	638	583	55	15.913
Madeira e Artefatos	307	275	32	6.472
Materiais de Construção	1.772	1.702	70	46.656
Materiais Hidráulicos	89	73	16	2.303
Pedras para Revestimento	57	70	-13	1.700
Material Elétrico	356	299	57	8.061
Tintas e Materiais para Pintura	203	228	-25	4.537
Vidros	164	250	-86	4.846
Total	**3.610**	**3.514**	**96**	**91.403**

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

CJá no acumulado de janeiro a agosto de 2026, o setor apresenta um ganho residual de 40 postos de trabalho na RMSP. Se, por um lado, tal tímida evolução pode ser avaliada novamente como uma estabilidade, ao compará-la com o mesmo recorte temporal dos anos anteriores, é possível verificar que o resultado é o pior desde 2020.

Saldos de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP – janeiro a agosto de 2026



E a realidade do acumulado no ano só não é mais agravada devido ao bom resultado de empregabilidade no segmento de materiais elétricos, que nos oito meses de 2026 soma uma geração de 249 vagas.



MERCADO DE TRABALHO
CAGED

Movimentação e estoque de empregos celetistas – RMSP – janeiro a agosto de 2026

Segmentos do varejo	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	304	292	12	915
Ferragens e Ferramentas	5.061	5.142	-81	15.913
Madeira e Artefatos	2.136	2.164	-28	6.472
Materiais de Construção	15.448	15.427	21	46.656
Materiais Hidráulicos	686	729	-43	2.303
Pedras para Revestimento	483	529	-46	1.700
Material Elétrico	2.737	2.488	249	8.061
Tintas e Materiais para Pintura	1.654	1.684	-30	4.537
Vidros	1.755	1.769	-14	4.846
Total	**30.264**	**30.224**	**40**	**91.403**

Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi
*Até agosto

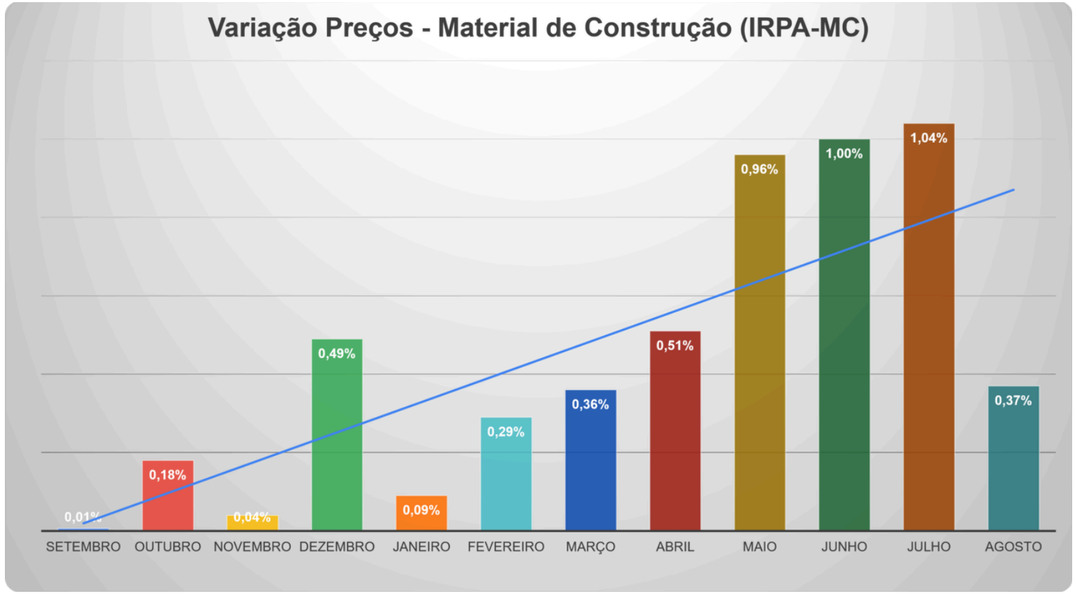
“O economista Jaime Vasconcellos comenta que, se por um lado, o saldo positivo de agosto interrompeu duas quedas mensais consecutivas, por outro, o resultado não elimina a fragilidade do mercado de trabalho do setor. “Agosto registrou o pior saldo para o mês em toda a série histórica, contribuindo para que, no acumulado do ano, o varejo de material de construção da RMSP apresente a geração de empregos celetistas mais fraca dos últimos seis anos”.

A trajetória arrefecida do emprego no setor reflete uma realidade que começa no orçamento das famílias, pressionado por níveis elevados de endividamento e inadimplência e, consequentemente, por um maior comprometimento da renda. “Ao mesmo tempo, a capacidade de ampliar o consumo por meio do crédito permanece limitada, diante de juros elevados e de uma oferta mais seletiva. Esse ambiente restringe a demanda, enfraquece as vendas do varejo e, como consequência, reduz a necessidade de novas contratações e aumenta a pressão sobre o nível de emprego”, destaca. Em sua opinião, trata-se, portanto, de um cenário de atenção que não surgiu agora e que ainda reúne fatores capazes de limitar uma recuperação mais consistente do mercado de trabalho no curto prazo. “Para o varejo de material de construção, a combinação entre consumo mais contido, crédito caro e menor ritmo de vendas manterá o ambiente desafiador para a geração de empregos nos próximos meses”, finaliza.

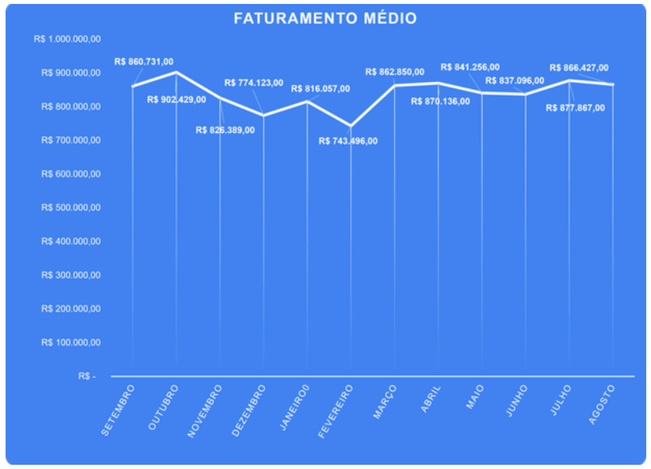
INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

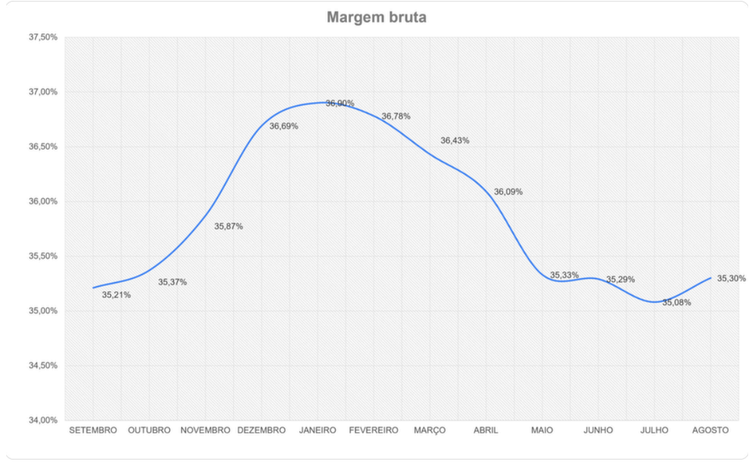
A tendência de alta verificada nos últimos meses nos preços dos materiais de construção sofreu um arrefecimento em agosto, segundo dados coletados pelo Índice Azure de Reajuste de Preço de Venda – Material de Construção (IRPA-MC). O indicador registrou no mês passado um avanço de 0,37%, depois de contar com aumentos de 1% e 1,04% em junho e julho, respectivamente. O patamar alcançado em agosto pelo IRPA-MC vai ao encontro dos resultados obtidos por outros índices em relação a itens da construção (veja aqui).



O faturamento médio também sofreu queda no período analisado ao chegar a R$ 866.427,00, valor ainda superior à média dos últimos doze meses (R$ 839.941,00), mas inferior ao desempenho de julho de 2026: R$ 878.307,00.



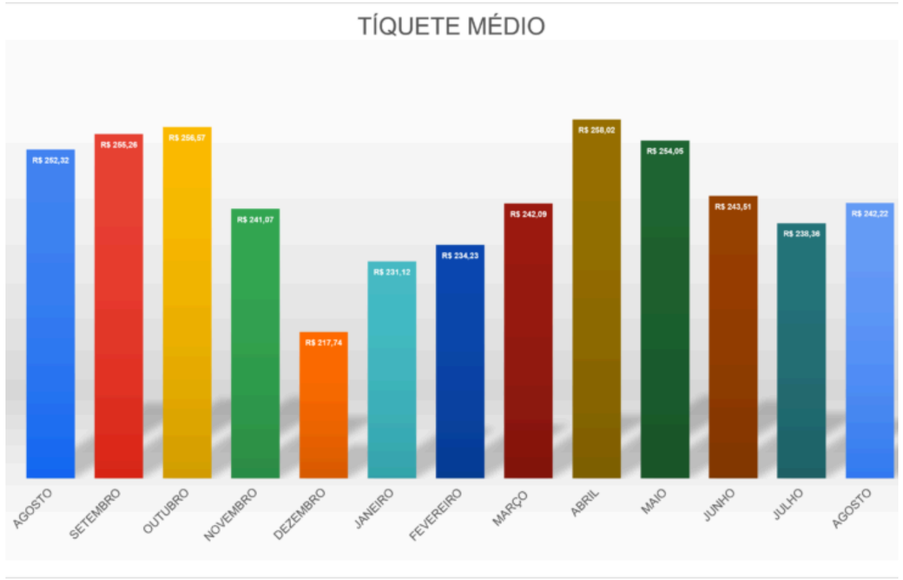
O estudo realizado pelo Sincomavi, a partir de dados coletados pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, verificou que houve recuperação na margem bruta do setor, 35,30%. Depois de permanecer na faixa dos 36% nos primeiros quatro meses do ano, esse indicador agora varia próximo dos 35% – patamar similar ao alcançado no ano passado.



INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

Por fim, o tíquete médio igualmente contou com recuperação em agosto. Depois da queda registrada em julho para R$ 239,47, esse KPI ultrapassou novamente a casa dos R$ 240,00. Apesar da melhora, o resultado obtido ficou abaixo do mesmo período do ano passado (R$ 252,32).



Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”. “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em agosto de 2026.

PRODUTO	VARIAÇÃO
Ferragens	-0,65%
Material de eletricidade	-0,48%
Vidros	2,33%
Tintas	0,14%
Ferramentas	nd
Revestimento de piso e parede	-1,40%
Madeira e taco	-0,08%
Cimento	1,22%
Tijolo	0,85%
Material hidráulico	-0,56%
Areia	0,35%
Pedras	0,79%
Telha	-0,57%
Chuveiro elétrico	1,02%
Ar-condicionado	1,11%
Computador pessoal	1,68%
Ventilador	-0,93%
Eletrodomésticos e equipamentos	0,68%
Aparelhos eletroeletrônicos	1,12%
Bicicleta	-0,47%

.Sincomavi

SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS,
TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR